

# O CAMINHO À FRENTE

**General Peter J. Schoomaker, Exército dos EUA**  
**Major Anthony W. Vassalo, Exército dos EUA**

*Nosso Exército está servindo a uma Nação em guerra. Esta guerra exige que todos os elementos do nosso poder nacional sejam aplicados em uma campanha ampla, contínua e implacável. Esta campanha será longa; exigirá um compromisso profundo e duradouro. O nosso Exército é um membro orgulhoso da Força Combinada servindo dignamente a nossa Nação e os seus cidadãos, à medida que seguimos em frente buscando novos objetivos e aprimorando o nosso desempenho. A nossa maneira de abordar, individual e organizacionalmente, nossas tarefas e responsabilidades, deve refletir a seriedade e o sentido de urgência, característicos de um exército em guerra. Os nossos Soldados e a nossa Nação merecem nada menos que isso. A situação já não é mais a mesma de sempre. O propósito deste documento é de prover ao leitor uma ligeira idéia sobre o caminho que o Exército terá pela frente e explora de que maneira obteremos um Exército mais relevante e da qualidade necessária para uma campanha em prontidão, tendo uma Mentalidade Combinada e Expedicionária. A minha intenção é de comunicar a visão do Comando do Exército, de como este pretende cumprir a sua missão de prover as forças e capacidades necessárias aos comandantes combatentes em apoio às estratégias da Defesa e Segurança Nacionais. Eu espero que se familiarizem com as idéias aqui apresentadas para que possam contribuir ao aprimoramento do nosso Exército. Estão prontos para partir e cumprir a missão?*

— General Schoomaker<sup>1</sup>

O Caminho à Frente é uma generalização do Guia do Planejamento Estratégico (*Army Strategic Planning Guidance — ASPG*) que, como a estratégia institucional do Exército, representa a visão da liderança deste de como pretende cumprir a sua

missão de prover as forças e as capacidades necessárias aos comandantes combatentes em apoio das estratégias da Defesa e Segurança Nacionais.<sup>2</sup> Uma análise do ambiente estratégico, da direção nacional e dos requerimentos operacionais torna claro que o Exército tem que estar preparado para operações do tipo, ritmo, compasso e duração diferentes daqueles para os quais estruturamos executar as nossas forças e sistemas.<sup>3</sup> Algumas suposições feitas e processos desenvolvidos para um Exército da Guerra Fria, ou um com uma oportunidade de se transformar, embora válidos na época, já não são relevantes no atual ambiente de segurança.

O Exército, como parceiro-chave da Equipe Combinada (*Joint Team*), permanece plenamente engajado por todo o mundo, cumprindo as suas responsabilidades para com a Segurança Nacional. Outrossim, o aspecto mais saliente do atual ambiente de segurança é que somos uma Nação e um Exército em guerra — guerra esta distinta de qualquer outra travada na história. Como a Estratégia da Segurança Nacional (*National Security Strategy*) deixa claro, “o inimigo não é um único regime político ou pessoa, nem uma única religião ou ideologia... o inimigo é o terrorismo premeditado, uma violência politicamente motivada que ataca os inocentes”.<sup>4</sup> Esta guerra está sendo conduzida em todo o mundo, abrangendo a gama total de operações militares contra estados vilões e terroristas que não conseguimos deter, mas que de qualquer forma devem ser impedidos de atacarem os EUA. O conflito atual não teve início em 11 de setembro de 2001 e, diferentemente das grandes guerras do século passado, os eventos tangíveis que tão publicamente evidenciaram o final da II GM e da Guerra Fria talvez não marquem a sua conclusão.

Devemos imediatamente começar o processo de ree-

xaminar e desafiar as nossas suposições institucionais, estruturas organizacionais, paradigmas, políticas e procedimentos mais básicos para melhor servir a Nação. O resultado final deste exame será uma força mais pronta e relevante — um Exército qualidade-campanha com uma Mentalidade Combinada e Expedicionária. O nosso Exército continuará tendo o melhor de suas atuais capacidades e atribuições enquanto desenvolve outras que aprimorarão ainda mais a relevância e a prontidão para responder nos atuais e projetados ambientes estratégicos e operacionais. O resto deste documento examina no que devemos nos tornar para poder prover forças e capacidades mais prontas e relevantes para a Equipe Combinada.

## O Contexto para a Mudança: O Ambiente Estratégico Atual e Projetado

O panorama geopolítico tem-se transformado durante a última década, criando novas e maiores demandas para a liderança americana em todo o mundo. A proteção oferecida pela distância geográfica diminuiu enquanto desafios e ameaças de terroristas de estados fracos ou falidos e sem governo aumentaram. É possível que a atual tendência de uma integração regional e global torne improvável a guerra interestadual catastrófica. Porém, ambas a estabilidade e legitimidade da ordem política convencional em regiões vitais para os EUA estão sob pressões cada vez maiores de uma variedade de fontes. O crescimento das populações em áreas em desenvolvimento estressa as instituições governamentais e as infra-estruturas civis. Agravando o potencial para conflitos estão as percepções de um desequilíbrio na distribuição de riquezas, poder, influências culturais e recursos entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Conduzir operações principais de combate contra um adversário regional capaz, ou contra uma coalizão inimiga, continua sendo a missão mais exigente para a Força Combinada.

A difusão de poder e de capacidades militares para atores não estatais e regimes imprevisíveis também é mais uma potente ameaça contra a nossa Pátria e contra os nossos interesses no exterior. Exércitos tradicionais baseados em estados, paramilitares sub-nacionais, terroristas transnacionais e até mesmo sindicatos sofisticados de crime organizado, estão todos se tornando mais capazes e perigosos. Sobrepujar os perigos de cada um, individualmente ou conjuntamente, de maneira satisfatória, irá exigir ações amplas, decisivas e muitas vezes simultâneas por parte dos EUA e seus aliados.

Os atuais e projetados ambientes de segurança sugerem que os líderes dos EUA irão, frequentemente, enfrentar desafios simultâneos ao redor do mundo. Os eventos da década passada apresentam três realidades:

primeiro, os EUA estão sendo cada vez mais desafiados por uma série de adversários potenciais e perigosos que variam desde poderes regionais em ascensão até movimentos terroristas e regimes irresponsáveis, que não têm o comportamento de governo aceitável internacionalmente; segundo, o mundo depende da liderança dos EUA durante crises, ao ponto de permanecer perigosamente inativo sem a participação ameri-

*Dado o domínio militar dos EUA, alguns adversários procurarão superar as suas próprias limitações em capacidades militares adotando meios que capitalizam sobre abordagens indiretas ou assimétricas. Por exemplo, os nossos adversários podem tentar romper as nossas coalizões por meio de ameaças, suborno e atacando membros que mantenham políticas ou objetivos nacionais diferentes.*

cana e; finalmente, em terceiro lugar, em muitos casos, somente os EUA têm as capacidades necessárias para impor resoluções duradouras e resultados aceitáveis durante crises complexas.

## Principais Tendências Geopolíticas

Embora seja claro que a incerteza gera desafios, existem certos aspectos que podem apoiar os líderes e planejadores da Defesa e Forças Armadas. A Revisão Quadrienal da Defesa 2001 (*Quadrennial Defense Review*) identificou seis tendências geopolíticas que irão moldar, significativamente, o futuro ambiente de segurança:

- 1) A redução da proteção fornecida pela distância geográfica.
- 2) O aumento de ameaças contra a segurança regional.
- 3) Maiores desafios e ameaças provenientes de territórios de estados fracos e falidos.
- 4) A difusão de poder e de capacidades militares para atores não estatais.
- 5) O aumento na importância de arranjos relativos à segurança regional e;
- 6) O aumento na diversidade das fontes e a imprevisibilidade das áreas de conflito.<sup>5</sup>

O Presidente descreve sucintamente o maior perigo contra a nossa nação e os nossos aliados como estando “no cruzamento entre o radicalismo e a tecnologia”.<sup>6</sup> Uma análise do ambiente de segurança revela o nexo de perigosos novos atores, métodos e capacidades que

ameaça os interesses dos EUA e dos nossos aliados de maneira estrategicamente significativa. Em primeiro lugar, existem atualmente mais atores de importância estratégica. O sistema estadual criado pelo Tratado de Westphalia em 1648 continua como fundamento para a ordem internacional e a ameaça por parte de poderes regionais potencialmente hostis permanece. Atores não-estatais, porém, operando anonimamente ou respaldados por estados, são cada vez mais capazes de ameaçar a segurança regional e global. Por exemplo, insurgentes, paramilitares, terroristas, narcotraficantes, e o crime organizado — frequentemente conectados por comuni-

*Para enfocar os nossos esforços no aumento da relevância e prontidão de nossas forças operacionais e institucionais, o Exército tem duas competências principais apoiadas por uma série de capacidades essenciais e duradouras. As competências principais do Exército são: 1) adestrar e equipar Soldados e promover líderes; e 2) prover uma capacidade pronta e relevante de poder terrestre ao Comandante Combatente como parte da Equipe Combinada.*

cações em rede e capacitados pelas mesmas ferramentas e sistemas de informações usados pelos atores estatais — são uma preocupação crescente para os EUA.

Organizações relativamente celulares, conectadas em rede e com pouca hierarquia, como a *al-Qaeda*, têm-se mostrado dispostas a explorar a inabilidade ou falta de vontade de estados falidos ou falindo, de governarem o seu próprio território. As mesmas são também capazes de execuções descentralizadas de ataques complexos, coordenados e dispersos contra os EUA e seus interesses no exterior.

Em segundo lugar, o mundo agora encara uma significativa proliferação de perigosas armas, tecnologias e capacidades militares empregadas por uma variedade de atores. Existe uma ampla disponibilidade de armas convencionais no mercado, particularmente desde o colapso do antigo sistema bipolar e a difusão e o aprimoramento de existentes armas de destruição ou efeito em massa. A habilidade de gerar efeitos estratégicos já não é mais restrita às nações-estado. Também de interesse é o fato que todos os atores estatais e não-estatais são, potencialmente, “espaço-capacitados” como resultado da provisão no setor comercial de produtos tais como comunicações via satélite de banda alta, imagens via satélite, comunicações de navegação e informações relativas ao clima. Devemos esperar que tanto os atores estatais como os não-estatais tenham e empreguem uma

combinação de capacidades de baixa e alta tecnologia.

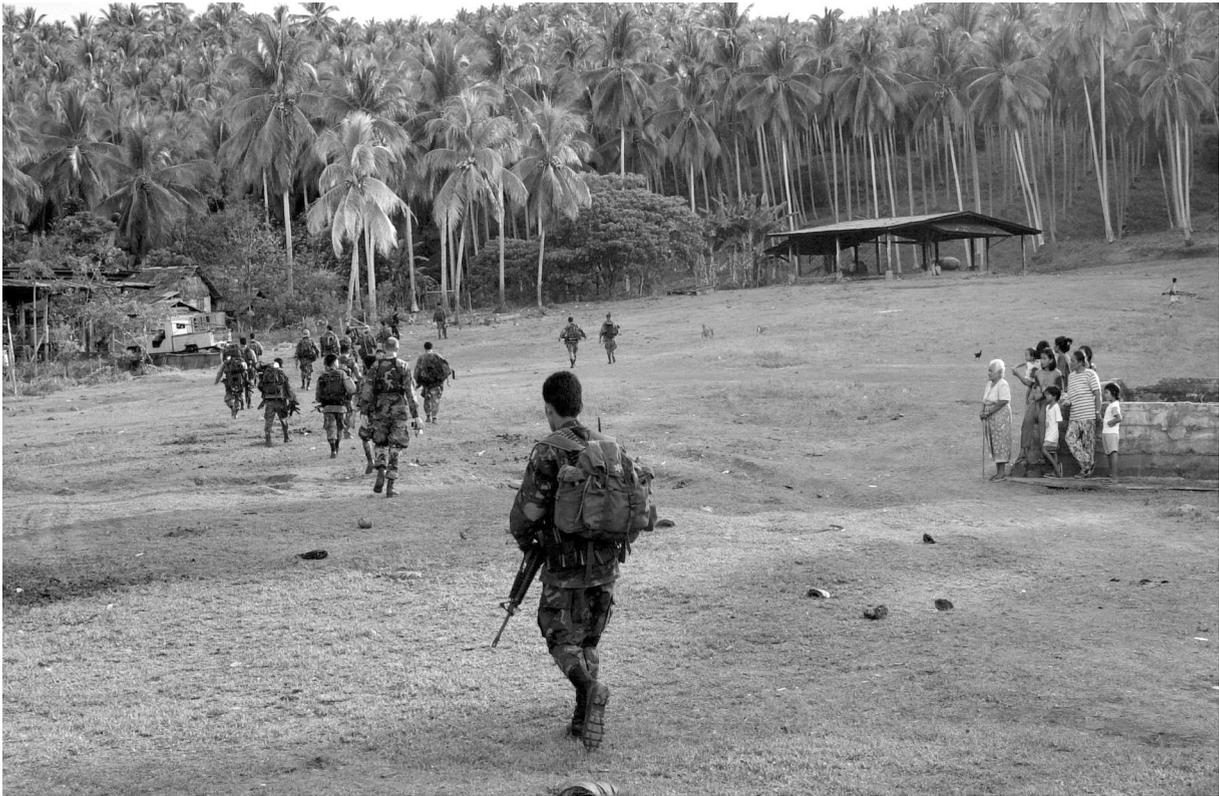
Terceiro, podemos esperar que nossos adversários dependam cada vez mais de métodos perigosos e idiossincráticos: abordagens assimétricas, estratégias negando acesso, guerra irrestrita, e do terrorismo. Dado o domínio militar dos EUA, alguns adversários procurarão superar as suas próprias limitações em capacidades militares adotando meios que capitalizam sobre abordagens indiretas ou assimétricas. Por exemplo, os nossos adversários podem tentar romper as nossas coalizões por meio de ameaças, suborno e atacando membros que mantenham políticas ou objetivos nacionais diferentes. Explorarão e usarão sistemas de informação e informações obtidas através da maior transparência global. Poderão atacar sistemas críticos de infra-estrutura, informação e comunicações assim como financeiros e bancários, fontes de energia, transporte, água e instalações de serviços de emergência. Adversários adaptáveis usarão o espaço de batalha que reduza a eficácia das vantagens americanas, tais como a inteligência, vigilância e reconhecimento (*intelligence, surveillance and reconnaissance* — *ISR*) e o engajamento de precisão e tentarão negar o acesso operacional dos EUA a áreas críticas. A realidade das condições contemporâneas do espaço de batalha deve ser incorporada ao nosso treinamento de prontidão operacional em todos os meios de treinamento de unidade e da instituição.

## **Implicações para a Força Combinada**

Estas tendências geopolíticas e internacionais de segurança indicam um período de maiores desafios estratégicos para a Força Combinada. Como observado na Revisão Quadrienal de Defesa 2001, “assegurar os interesses e objetivos dos EUA, apesar dos desafios do futuro ambiente de segurança, é o teste fundamental da estratégia de defesa dos EUA e das suas forças armadas”.<sup>7</sup> De particular interesse são seis áreas de importância para a Nação, a Força Combinada e para o Exército.

Primeiro, há um requerimento real por capacidades de amplo espectro. Estas permitem às nossas forças defrontar quaisquer capacidades que os nossos adversários possam querer empregar contra nós. Devemos ser capazes de uma rápida transição entre missões com uma mistura apropriada de forças e capacidades.

Segundo, o caráter mutante da guerra aumenta a necessidade por operações integradas. Para poder enfrentar adversários mais difusos e conectados em rede, devemos primeiro integrar os nossos próprios elementos de poder — diplomáticos, militares, econômicos e de inteligência — e, enquanto retemos a habilidade de agirmos unilateralmente, devemos-nos preparar para agir junto aos nossos amigos e aliados.



Departamento de Defesa

**Tropas das Filipinas e Soldados das Forças Especiais do Exército dos EUA da Força-Tarefa 150 procuraram por rebeldes da Abu Sayyaf na ilha de Basilan.**

Terceiro, a necessidade pela cooperação em segurança é contínua. Dada a incerteza do ambiente de segurança, os EUA devem permanecer engajados no além-mar. As atividades relativas à cooperação de segurança ajudam a moldar o ambiente de segurança para impedir conflitos e facilitar as operações dos EUA em regiões que, de outra maneira, seriam difíceis de acessar.

Quarto, a transformação da Força Combinada é um imperativo estratégico para assegurar que as forças dos EUA continuem a operar de uma posição de vantagem militar sobrepujante em apoio aos objetivos estratégicos.<sup>8</sup>

Quinto, combater ameaças contra os interesses dos EUA em um ambiente de segurança mais interconectado exige ações combinadas de apoio regional, integradas dentro de uma estratégia global.

Sexto, uma perspectiva combinada do atual ambiente operacional deve servir como o componente intelectual fundamental da Transformação que apóia as estratégias dos conceitos combinados e das forças de desenvolvimento e experimentação. O Comando de Adestramento e Doutrina do Exército dos EUA (*Training and Doctrine Command — TRADOC*), junto com o Comando das Forças Combinadas (*Joint Forces Command*), está liderando um esforço comunitário para desenhar e desenvolver essa estrutura.

## Em Direção a um Exército mais Pronto e Relevante

Para enfocar os nossos esforços no aumento da relevância e prontidão de nossas forças operacionais e institucionais, o Exército tem duas competências principais apoiadas por uma série de capacidades essenciais e duradouras. As competências principais do Exército são: 1) adestrar e equipar Soldados e promover líderes; e 2) prover uma capacidade pronta e relevante de poder terrestre ao Comandante Combatente como parte da Equipe Combinada.<sup>9</sup> Para concentrar o esforço ainda mais, a liderança superior do Exército estabeleceu áreas de enfoque (*focus áreas*) imediatas com diretriz específica para o planejamento, a preparação e a execução de ações para rapidamente efetuar mudanças positivas e necessárias.<sup>10</sup> Estas constituem mudanças na direção a curto e meio termo existente e não são, nem têm a intenção de ser, totalmente abrangentes.<sup>11</sup> A expressão completa dos Objetivos Estratégicos do Exército (*Army Strategic Objectives*) para propósitos de programação e prioridade está definida no Anexo B do *ASPG* que coloca o Sistema de Prontidão Estratégica (*Strategic Readiness System*) dentro do contexto do Plano do Exército (*The Army Plan*).<sup>12</sup>

O Exército irá reorganizar as suas organizações institucionais e de combate para melhor atender às

necessidades e requerimentos de operar no atual e projetado ambiente de segurança. Devemos presumir que as operações permanentes serão a regra, não a exceção. À medida que continuamos o processo de transformar o nosso Exército, enquanto em guerra, redesenharemos as nossas formações para prover organizações modulares baseadas em capacidades, aumentando a sua relevância e capacidade de responder para os Comandantes Combatentes. Desenvolveremos, em nossos Soldados,

*Como fonte de “forças terrestres prontas e treinadas, capazes de ações decisivas ao longo do escopo das operações militares e do espectro do conflito”, o Exército deve manter esses objetivos e o nosso enfoque de guerra constantemente à medida que executamos as nossas funções (sob o Título 10) de organizar, treinar e equipar forças para os JFC. Estas forças provêm componentes críticos ao comandante combatente para que possa estabelecer as condições para o sucesso estratégico e operacional.*

líderes e nos civis que operam no Departamento do Exército (*Department of the Army — DA*) um nível sem precedente de adaptabilidade. Devemos ter equilíbrio em nossas forças, com a capacidade de operar decisivamente em ambientes incertos contra ameaças imprevisíveis que farão de tudo para evitar as nossas capacidades.

Similarmente, reexaminaremos as nossas doutrinas, processos, educação, metodologia de adestramento e sistemas para desenvolver e institucionalizar uma Mentalidade Combinada e Expedicionária. Na medida em que procuramos resolver os assuntos relacionados com a transformação do Exército para o atual e futuros ambientes de segurança, não podemos permitir que as soluções sejam afetadas pelos processos, políticas e sistemas desenhados para um sistema mundial já inexistente. Os processos e as políticas de fato podem mudar e mudam. Os sistemas devem se adaptar às necessidades dos Soldados, da Nação e da Força Combinada.

## **Um Exército Qualidade-Campanha com uma Mentalidade Combinada e Expedicionária**

Para ter sucesso na Guerra Global Contra o Terrosimo (*Global War on Terrorism — GWOT*), e assegurar a segurança da Nação, o Exército deve prover a Força Combinada com capacidades e forças prontas e relevantes, para apoiar a Estratégia da Segurança e Defesa Nacional (*National Security and Defense Strategy*) —

um Exército qualidade-campanha com uma Mentalidade Combinada e Expedicionária. O Exército provê à Força Combinada com capacidades de um combate qualidade-campanha (*campaign-quality combat*), apoio ao combate (*combat support — CS*) e apoio logístico (*combat service support — CSS*), necessários à condução de uma guerra terrestre sustentável; esta é a nossa contribuição singular à Equipe Combinada e será mantida. O desafio que devemos enfrentar é justamente de que maneira podemos transformar as nossas organizações, processos, doutrina e cultura para melhor poder prover esta contribuição à Força Combinada mais pronta e rapidamente.

Prover as forças do Exército apropriadas no lugar certo e na hora certa é vital para a capacidade do Comandante da Força Combinada (*Joint Force Commander — JFC*) poder derrotar qualquer adversário ou controlar qualquer situação ao longo de um amplo espectro de operações militares. À medida que o Exército reconfigura e reposiciona as suas forças, iremos expandir a capacidade do *JFC* para rapidamente desdobrar, empregar e sustentar forças em todo o espaço de batalha global em qualquer ambiente e contra qualquer oponente. Uma Mentalidade Combinada e Expedicionária reconhece que somos um Exército em contato, engajado em operações contínuas, pronto para responder rapidamente à próxima crise, à medida que se desenvolva. Trata-se de uma atitude e de um espírito — ao longo de toda Doutrina, Organização, Adestramento, Material, Desenvolvimento de Líderes, Pessoal e Instalações (*Doctrine, Organization, Training, Materiel, Leader Development, Personnel and Facilities — DOTMLPF*). Isto implica em um Exército moderno, modular, combinadamente interdependente e baseado em capacidades liderado por Soldados agressivos, inteligentes e capacitados, que reconhecem as oportunidades e aplicam, com confiança, as capacidades apropriadas da Força Combinada em apoio ao Comandante Combatente.

## **O Propósito e Papel do Exército na Segurança Nacional**

*O propósito do Exército é de servir o povo americano, proteger interesses nacionais e cumprir com as suas obrigações militares nacionais.*<sup>13</sup> Embora temos executado diversas tarefas desde o nosso estabelecimento em 1775, o nosso contrato não negociável junto ao povo americano tem permanecido constante: como parte da Força Combinada, temos a tarefa de lutar e vencer as guerras de nossa Nação. Para alcançar os objetivos da Estratégia de Defesa, a Força Combinada, sinergisticamente, aplica as suas capacidades para derrotar, decisivamente, qualquer adversário, ou, para controlar qualquer situação ao longo do escopo total das operações militares. O Exército, em apoio da Força Combinada,

provê forças de combate versáteis, robustas e ágeis, capazes de operar unilateralmente ou em combinação com parceiros multinacionais e interagenciais.

Como fonte de “forças terrestres prontas e treinadas, capazes de ações decisivas ao longo do escopo das operações militares e do espectro do conflito”, o Exército deve manter esses objetivos e o nosso enfoque de guerra constantemente à medida que executamos as nossas funções (sob o Título 10) de organizar, treinar e equipar forças para os *JFC*.<sup>14</sup> Estas forças provêm componentes críticos ao comandante combatente para que possa estabelecer as condições para o sucesso estratégico e operacional. Elas o fazem por meio de

assegurar as mais amplas opções militares durante crises e provendo a habilidade para decisivamente concluir o conflito em nossos termos e de acordo com a hora que designamos para tal. As forças do Exército acrescem à Força Combinada a capacidade singular de controlar recursos e populações. As forças de combate do Exército provêm os meios de impor a nossa vontade sobre o inimigo e de derrotar os adversários da Nação decididamente.

Conduzir operações principais de combate contra um adversário regional capaz ou contra uma coalizão oponente continua a ser a mais exigente missão para a Força Combinada. Porém, resolver tais conflitos é

## As Áreas de Enfoque do Exército

- **O Soldado. Desenvolver Soldados como guerreiros flexíveis, adaptáveis, e competentes.**
- **O Banco (the Bench). Preparar futuras gerações de líderes. Identificar e preparar selecionados líderes do Exército para posições-chave dentro de organizações interagenciais, multinacionais e da Força Singular.**
- **Centros de Adestramento de Combate/Programa de Adestramento de Comando de Combate. Focar o adestramento nestas áreas para satisfazer as necessidades do atual contexto de segurança e das equipes combinadas e expedicionárias.**
- **Desenvolvimento e educação de líderes. Adestrar e educar membros da Equipe Combinada do Exército.**
- **Aviação do Exército. Conduzir uma revisão holística da Aviação do Exército e o seu papel no campo de batalha combinado.**
- **Da Força Atual para a Futura. Acelerar o suprimento de selecionadas capacidades da Futura Força para aprimorar a eficiência da Força Atual. A Transformação do Exército faz parte de uma contínua mudança.**
- **A Rede. Aproveitar e habilitar a guerra interdependente, centrada em redes de comunicação.**
- **Modularidade. Criar desenhos de unidades modulares, com base em capacidades.**
- **Mentalidade Combinada e Expedicionária. Reter as nossas qualidades de campanha enquanto desenvolvemos uma Mentalidade Combinada e Expedicionária.**
- **Equilíbrio Componente da Ativa/Componente da Reserva. Redesenhar a força para otimizar a mistura entre os dois componentes ao longo da estratégia de defesa.**
- **Estabilização da Força. Assegurar a estabilidade e continuidade da unidade e prover a previsibilidade ao Soldado e à sua família.**
- **Inteligência acionável. Prover o entendimento situacional aos Comandantes e Soldados com rapidez, precisão e confiança para afetar as operações atuais e futuras.**
- **Instalações em navios-capitania. Aprimorar a habilidade da instalação para projetar o poder e o apoio às famílias.**
- **Autoridades, Responsabilidades e Obrigações. Deixar claro os papéis e habilitar uma tomada de decisão confiável.**
- **Processos para Recursos. Redesenhar os processos para obter recursos de maneira flexível, pronta e em tempo hábil.**
- **Comunicações Estratégicas. Divulgar a Palavra do Exército para que a relevância e a direção do mesmo possam ser claramente compreendidas e apoiadas.**

apenas uma entre uma variedade de complexas situações que a Força pode ter que enfrentar. A principal responsabilidade da Força Combinada — dominar o espectro inteiro de ameaças e desafios desde a paz até a guerra — exige a capacidade e habilidade de triunfar, de maneira decisiva, em combate, bem como em cada escalada dos passos que o adversário possa tomar, não obstante a área geográfica. A capacidade dominante ao longo do espectro do conflito também provê a credibilidade necessária para dar confiança aos nossos amigos, dissuadir adversários em potencial e deter os atuais.

A Estratégia da Defesa identifica missões plausíveis para o emprego de forças no ambiente de segurança atual assim como no emergente. Esses objetivos descrevem a visão do Departamento de Defesa (*Department of Defense* — *DOD*) para o emprego de forças e requer que as Forças Singulares organizem, adestrem

*O esforço deve aproveitar os parceiros da coalizão, as organizações governamentais e não governamentais para maximizar as suas capacidades e contribuições singulares. Embora as ações e atividades pós-conflito sejam dominadas pelos esforços diplomáticos, econômicos e de inteligência desenhados para fortalecer e reconstruir a infraestrutura e instituições governamentais, um plano integrado político-militar é vital para um sucesso duradouro.*

e equipem as forças para lutarem em múltiplos níveis de guerra. A Força Combinada deve estar preparada para rapidamente derrotar os esforços dos adversários em dois teatros simultâneos de guerras principais e, sob direção do Presidente, derrotar decisivamente um adversário em uma dessas operações. Além disso, os militares devem reter a capacidade de conduzir operações de contingência em outros cenários operacionais. A Força Combinada deve ter a adaptabilidade para conduzir operações que vão desde a defesa da pátria até operações de não combate em locais distantes. Por último, a Força Combinada deve ter a capacidade de poder usar uma reserva estratégica para sustentar operações e alcançar os resultados decisivos, mesmo quando as operações forem mais exigentes ou prolongadas do que se havia previsto. O Exército possui capacidades essenciais que apóiam, diretamente, a Força Combinada para alcançar os seus objetivos relativos à Segurança Nacional e Estratégia de Defesa por meio de:

- Prover apoio às autoridades civis nos EUA e no estrangeiro. As forças terrestres provêm um amplo âmbito de capacidades necessárias para apoiar as autori-

dades civis. Caso estiverem respondendo a algum desastre natural ou mitigando as conseqüências de um ataque de armas de destruição em massa, as forças terrestres cumprem um papel vital de segurança. No além mar, as forças combatentes terrestres estabelecem as condições de segurança necessárias para a auto-sustentação da paz em regiões importantes, destruídas por conflitos. Isso multiplica a eficácia dos esforços comunitários internacionais e interagenciais.

- Prover capacidades expedicionárias aos *JFC*. O Exército está preposicionado, responde estrategicamente e é capaz tanto da entrada forçada como de operações rápidas de reforço. As capacidades singulares de comando, controle e logística permitem às forças do Exército operar com pouco alerta antecipado em ambientes diversos, austeros e caóticos. Essas capacidades expedicionárias provêm um possibilitador inerente para operações combinadas, aliadas e de coalizão, assim como para coordenações interagenciais.

- Prover forças terrestres e capacidades dominantes requeridas pelos *JFC* para tranquilizar os amigos, aliados e parceiros da coalizão. As forças de combate terrestres impõem as condições para o sucesso operacional e asseguram o acesso global. Apenas pela sua presença, as forças de combate terrestre comunicam o mais forte sinal das intenções e compromissos estratégicos dos EUA. Mas elas oferecem um valor bem maior do que apenas a presença avançada. Por meio da Cooperação de Segurança do Teatro (*Theater Security Cooperation* — *TSC*) e de assistência, assim como de exercícios combinados com forças armadas estrangeiras, as forças do Exército contribuem para alianças, coalizões e parcerias estratégicas duradouras.

- Prover forças e capacidades dominantes de poder terrestre requeridas pelos *JFC* para dissuadir e deter os adversários. A habilidade comprovada de nossos Soldados contribui muito à capacidade mais ampla da Nação de dissuadir nações-estado e atores não-estatais tentados a embarcarem em estratégias ou a investirem em capacidades perigosas contrárias aos interesses dos EUA. Embora a dissuasão tenha provado ser cada vez mais difícil no atual ambiente de segurança, continua a ser um objetivo estratégico. A capacidade das forças de combate terrestre de conduzirem a entrada forçada pelo ar e pelo mar, logo no início da crise, associada à sua singular capacidade de sustentar o poder de combate é um componente-chave da dissuasão estratégica.

- Prover forças e capacidades dominantes de poder terrestre requeridas pelos *JFC* para compelir e decisivamente vencer os adversários ao longo do espectro inteiro do conflito. Quando a dissuasão falha, as forças de combate terrestre são o elemento decisivo da Força Combinada. As forças terrestres têm a capacidade de render um resultado decisivo, aproximando-se e des-



Departamento de Defesa

*Delegados discutem assuntos com um moderador durante um intervalo na Constitucional Loya Jirga (grande assembléia) em Cabul no Afeganistão no dia 24 de dezembro de 2003.*

truindo as forças inimigas. Elas têm a capacidade de ocupar, se apoderar e controlar território e, se necessário, executar uma mudança de regime. Esta capacidade permite aos *JFC* obstruir as opções dos adversários e de compeli-los a cessarem as suas atividades hostis. As forças de combate terrestre são, inerentemente, flexíveis e adaptáveis. São idealmente preparadas para conduzir operações da Força Combinada em todo tipo de terreno e condições atmosféricas, ao longo do espectro inteiro das operações militares. Quando comprometidas, as forças de combate terrestre têm a capacidade de tomar a iniciativa do adversário e tirar-lhe a liberdade de continuar com as suas hostilidades. O domínio do mar, do ar e do espaço é de valor incalculável, mas apenas o domínio em terra leva à conclusão decisiva de hostilidades — estabelecendo e mantendo condições de segurança favoráveis e soluções mais completas e duradouras para crises complexas.

- Prover forças dominantes de poder terrestre e capacidades necessárias para os *JFC* alcançarem a paz. Para chegar à vitória duradoura, as Forças Armadas dos EUA devem estar preparadas, antes mesmo de terminadas as hostilidades, para apoiar operações pós-conflito como parte de um esforço integrado interagencial para começar a definir as condições de segurança, estabilidade a longo prazo e de um desenvolvimento sustentável. O esforço deve aproveitar os parceiros da coalizão, as

organizações governamentais e não governamentais para maximizar as suas capacidades e contribuições singulares. Embora as ações e atividades pós-conflito sejam dominadas pelos esforços diplomáticos, econômicos e de inteligência desenhados para fortalecer e reconstruir a infra-estrutura e instituições governamentais, um plano integrado político-militar é vital para um sucesso duradouro. Embora os meios militares por si próprios não possam resolver os problemas básicos sociais, políticos e econômicos que levam ao conflito armado, a ação militar pode ser um eficiente precursor para chegar a um acordo político duradouro. A Força Combinada deve estar preparada para uma transição tranqüila partindo da guerra para manter um ambiente seguro e estável pós-hostilidades que permitirá a organizações civis internacionais, governamentais e não governamentais, assumirem rapidamente os seus papéis apropriados. As Forças do Exército, com sua inerente habilidade de controlar território, populações e recursos, podem inicialmente ser o meio mais eficaz disponível para começar a transição até um estável e politicamente sustentável estado final. O papel dos militares em um ambiente pós-conflito irá variar, dependendo das circunstâncias peculiares de cada conflito. Atividades pós-conflito podem incluir: prover a segurança para pessoal dos EUA, da coalizão e de organizações de assistência humanitária; facilitar a assistência humanitária e servi-

ços essenciais para populações afetadas; trabalhar com organizações internacionais e locais para estabelecer a lei e a ordem; e adestrar e equipar forças de segurança e militares locais.

- Prover a Nação com uma defesa contra a incerteza. O futuro ambiente de segurança está repleto de incertezas. No início do século XX ninguém imaginou que haveria duas guerras mundiais. Nem tampouco alguém antecipou as guerras da Coréia, do Vietnã ou do Afeganistão. Forças terrestres robustas, qualidade-campanha, oferecem a flexibilidade necessária para lidar com guerras de inesperada intensidade e duração, assim

*Devemos preparar os nossos Soldados para as duras realidades do campo de batalha. Nenhum soldado pode sobreviver no atual espaço de combate sem um adestramento constante em armas e material de campanha e uma contínua imersão na Cultura de Guerreiro do Exército. Só pode haver um padrão de adestramento para os nossos Soldados, não obstante o componente ou a especialidade.*

como cumprem tarefas em apoio a autoridades civis. As necessidades são até maiores em um ambiente onde adversários em potencial podem, com armas de destruição ou efeitos em massa, causar danos catastróficos.

## **O Exército: Um Componente Crítico da Equipe Combinada**

**A Interdependência Combinada.** O Exército é um componente crítico da Equipe Combinada. Devemos considerar que somos membros indispensáveis e vitais dessa equipe em primeiro lugar e, em segundo, uma Força Singular. Devemos estar cientes que o Exército sempre conduz operações — ofensivas, defensivas, de estabilidade e apoio — dentro de um contexto combinado e expedicionário. O poder de combate terrestre rápido, sustentável e decisivo age em conjunto com os poderes aéreo e naval para assegurar uma sinergia que presta à Força Combinada capacidades e poder bem além da soma de todas as suas partes. Em poucos anos, a Força Combinada se modificou, partindo de operações independentes para uma interoperabilidade sustentável. Deve agora obter rapidamente uma interdependência combinada.

A interdependência combinada é, potencialmente, o mais valioso recurso da Equipe Combinada. O Exército provê o *JFC* com capacidades singulares e complementares ao longo do espectro total das operações. Estas incluem apoiar as autoridades civis nos EUA e no estrangeiro, providenciar forças expedicionárias, tranquilizar amigos, aliados e parceiros da coalizão, dissuadir e deter adversários,

derrotar inimigos decisivamente — caso a dissuasão falhar — e obter a paz como parte de um esforço interagencial integrado pós-conflito, com a intenção de se chegar a uma vitória duradoura. Devemos examinar todas as capacidades da Força Combinada e determinar se o Exército está na melhor posição de prover essa capacidade ao Comandante Combatente.<sup>15</sup>

Conseguiremos então nos livrar de capacidades redundantes e excessivas, enquanto concentramos os nossos esforços e recursos para aprimorar as quais o Exército está mais bem adequado contribuir à Equipe Combinada. Ambas as nossas formações de logística e combate tornar-se-ão interdependentes e combinadas.

**Conceitos de Operações Combinadas.** Os Conceitos de Operações Combinadas (*Joint Operations Concepts — JOpsC*) descrevem de que maneira a Força Combinada intenciona operar nos próximos 15 a 20 anos ao longo do espectro total de operações. Eles provêm o contexto operacional para a transformação, conectando a direção estratégica à aplicação integrada das capacidades da Força Combinada. Os *JOpsC* também provêm uma estrutura unificante para o desenvolvimento de conceitos das Forças Singulares e das operações e funções combinadas subordinadas, assim como de conceitos possibilitantes. Essa estrutura guiará as operações combinadas e proverá o fundamento para o desenvolvimento e experimentação de conceitos combinados e da Força Singular. Os *JOpsC* representam um passo crítico no novo Sistema de Capacidades Combinadas de Integração e Desenvolvimento (*Joint Capabilities Integration and Development System — JCIDS*) que prevê o investimento nas capacidades da transformação com base no desenvolvimento de conceitos combinados validados por meio de experimentação e informados por meio de lições combinadas aprendidas.<sup>16</sup> Claramente, os conceitos e capacidades do Exército devem permanecer nos *JOpsC* e dentro de sua estrutura unificante de conceitos subordinados e informar ao *JCIDS*.

Os *JOpsC* se concentram no objetivo do domínio total do espectro: derrotar qualquer adversário ou controlar qualquer situação ao longo do âmbito total das operações militares. O domínio total é baseado na capacidade de entender, sentir, decidir e agir com mais rapidez que a de um adversário em qualquer situação. Para poder vencer num ambiente de segurança futuro, dinâmico e incerto, os *JOpsC* enfatizam uma força adaptável baseada em capacidades para poder equilibrá-las e gerenciar o risco dentro de uma perspectiva global. Os *JOpsC* identificam os atributos da futura Força Combinada que esta deve incorporar para alcançar o domínio do espectro total (*Full-Spectrum Dominance*)<sup>17</sup>.

Para cumprir missões designadas, os *JOpsC* advogam uma Força Combinada capaz de conduzir operações rapidamente executáveis, simultâneas e seqüenciais distribuídas ao longo do espaço de batalha não linear e



Departamento de Defesa

Um soldado da 4ª Divisão de Infantaria (4th Infantry Division) vigia o perímetro ao redor de uma casa em Tikrit em julho de 2003.

conduzidas em coordenação aproximada junto a parceiros interagenciais e multinacionais. A futura Força Combinada será capaz de avançar rapidamente, fechando as lacunas entre a decisão, o desdobramento, o emprego e a sustentação das forças. Isso irá exigir dela organizar e adestrar como um conjunto de forças baseadas em capacidades, rapidamente planejadas e escaladas para uma série de capacidades flexíveis ao longo do âmbito das operações militares.

Para vencer, a Força Combinada deve adotar uma Mentalidade Combinada e Expedicionária, refletindo maior versatilidade e desdobrabilidade, enquanto assegura as capacidades necessárias à condução tanto do combate sustentável como de operações potencialmente simultâneas para restabelecer a estabilidade. Conforme os objetivos estratégicos discutidos no Anexo B (do *ASPG*), iremos otimizar as nossas forças, capacidades e organizações para melhor contribuir às capacidades e métodos combinados de cada um dos conceitos operacionais e funcionais combinados.<sup>18</sup>

## Adestrar, Equipar Soldados e Fomentar Líderes

**Adestrar e equipar Soldados.** O Soldado americano continua sendo indispensável para a Equipe Combinada. Soldados flexíveis, adaptativos e competentes, adestra-

dos dentro da Cultura de Guerreiro do Exército (*Army's Warrior Culture*), combatem as guerras e obtêm a paz. Os Soldados continuam a ser o elemento principal de nossos sistemas e formações de combate. Soldados americanos, dotados de um intenso espírito guerreiro, lutam em combate aproximado, dominam recursos e terrenos-chave, põem fim a conflitos decisivamente, controlam o movimento de pessoas, protegem o fluxo de recursos e mantêm a estabilidade pós-conflito. Não devemos esquecer nunca que é o Soldado — feroz, disciplinado, bem treinado e bem equipado — quem no final de tudo representa e habilita as capacidades que nós, como um Exército, provemos à Força Combinada e à Nação.

Devemos preparar os nossos Soldados para as duras realidades do campo de batalha. Nenhum soldado pode sobreviver no atual espaço de combate sem um adestramento constante em armas e material de campanha e uma contínua imersão na Cultura de Guerreiro do Exército. Só pode haver um padrão de adestramento para os nossos Soldados, não obstante o componente ou a especialidade. Os nossos equipamentos e sistemas devem ser os mais apropriados conforme necessário para apoiar o Soldado durante o combate. Não devemos esquecer que são os nossos Soldados que representam a conexão crucial para a realização das capacidades da Força do futuro e

do aprimoramento da eficiência das Forças atuais. Devemos tratar os Soldados como o principal sistema de combate e, nesse sentido, conduzir revisões holísticas e análises das necessidades individuais institucionais do Soldado assim como das de treinamento da unidade, do equipamento e da prontidão. Como um sistema, o Soldado deve ter a sua saúde protegida e mantida para desenvolver o melhor desempenho ao longo do serviço.

Da mesma maneira, devemos preparar os nossos Soldados, civis e famílias para o desafio prolongado de servir a Nação durante uma guerra. O bem-estar de nossos Soldados,

*A capacidade do Exército de prover, com sucesso, capacidades rápidas-expedicionárias e de conduzir campanhas terrestres sustentadas ao longo do amplo espectro do conflito, exige tanto contribuições do Componente da Ativa como do Componente da Reserva. Iremos reestruturar a força atual criando capacidades modulares e formações flexíveis enquanto obtemos a dosagem apropriada entre as estruturas de forças de Ativa e de Reserva.*

civis e famílias está inextricavelmente ligado à prontidão de nosso Exército. Os nossos programas de bem-estar e sistemas de apoio a famílias devem estar sincronizados com programas em rodízio e otimizados para apoiarem unidades desdobradas ancoradas por instalações em navios-capitania. Reconhecemos que os nossos Soldados e as suas famílias precisam de um elemento de previsibilidade e ordem em suas vidas. No atual ambiente estratégico, isso equivale a saber quando será mais provável o seu desdobramento e de fazer com que os desdobramentos sejam o mais justo possíveis por entre a força. Chegar a isso exigirá fazermos os ajustes necessários das capacidades e forças de nossos componentes da ativa e da reserva. Também exigirá o uso de iniciativas para a estabilização da força para prover estabilidade a Soldados e unidades enquanto se aprimora a coesão da unidade. Isto levará a uma força mais capaz. Finalmente, significará repensar e adaptar os nossos programas de instalações e facilidades para melhor apoiar os nossos Soldados e as suas famílias. A qualidade e o caráter de nossas instalações são vitais para aprimorar o bem-estar de nossos Soldados, civis e famílias, assim como para habilitar a capacidade do Exército em prover forças adestradas, prontas e capazes de reações estratégicas aos Comandantes Combatentes.

**Criando Líderes.** Os sistemas de desenvolvimento de líderes devem ser otimizados para treinar e educar líderes capazes de operar como parte de uma Equipe Combinada em guerra — líderes que possuam uma Mentalidade Combinada e Expedicionária. O Exército agirá ao longo

de uma frente ampla para tornar a ação combinada parte integral de nossa cultura. Os nossos sistemas educarão e premiarão os líderes com a agilidade mental que despontarem em todo nível da guerra moderna. Temos que desenvolver, em nossos futuros líderes, a combinação adequada de unidade, estado-maior, experiência de comando, adestramento e oportunidades de educação para satisfazer os atuais e futuros requisitos de líderes do Exército e da Força Combinada. Os nossos sistemas e facilidades para o desenvolvimento de líderes serão redesenhados para o atual e futuro ambiente estratégico e levarão em conta o atual e projetado ritmo de operações e desdobramentos. Os sistemas de educação dos oficiais, sargentos e civis do Departamento do Exército serão adaptados para refletir o nosso ambiente operacional e os nossos padrões de desdobramento, assim como para refletir as iniciativas da Força Estabilizadora. Identificaremos, prepararemos e designaremos selecionados líderes militares e civis do Exército para posições-chave com organizações de serviço combinadas, interagenciais e multinacionais e desenvolveremos e institucionalizaremos os sistemas necessários para manter essas designações.

Para desenvolver e adestrar líderes ágeis e adaptáveis, capazes de conduzir operações simultâneas, distribuídas e contínuas, daremos novo enfoque ao Centro de Adestramento para o Combate (*Command Training Center*) e ao Programa de Adestramento para o Comando em Combate (*Battle Command Training Center*). O adestramento e desenvolvimento de líderes dentro desses eventos deve complementar e apoiar o desenvolvimento da Mentalidade Combinada e Expedicionária e promover a Cultura do Guerreiro. O adestramento fará parte da Capacidade Combinada Nacional de Adestramento (*Joint National Training Capability*) e duplicará com exatidão as realidades do atual ambiente operacional. Finalmente, as nossas instituições de adestramento devem melhor habilitar os comandantes a desenvolver líderes subordinados. O adestramento de líderes e unidades deve ser mais combinado e salientar as realidades dos atuais ambientes estratégico e operacional. Focaremos a experiência do centro de adestramento sobre a execução e não enfatizando exageradamente o processo do planejamento deliberado.

## **Prover a Pronta e Relevante Capacidade de Poder Terrestre ao Comandante Combatente como Parte de uma Equipe Combinada**

Desenvolvendo mais organizações modulares, estrategicamente prontas, cultivando e institucionalizando uma Mentalidade Combinada e Expedicionária por toda a Força, o Exército irá aumentar muito a habilidade

do Comandante Combatente de rapidamente derrotar qualquer adversário ou controlar qualquer situação ao longo do espectro total das operações militares. Forças modulares, baseadas em capacidades, irão melhor apoiar as necessidades do Comandante Combatente, facilitando mais eficazmente a entrega de apropriadas capacidades do Exército no lugar e hora certa. Isso é essencial para otimizar a relevância das forças do Exército para o Comandante Combatente e para expandir a habilidade da Equipe Combinada para rapidamente desdobrar, empregar e manter forças ao longo do espaço de batalha global em qualquer ambiente e contra qualquer oponente.

Organizações modulares de força do Exército, baseadas em capacidades, permitirão maior aptidão para compor forças de pronto-emprego, adremente estruturadas e melhorarão a reação estratégica da Força Combinada para operações de amplo espectro. Unidades modulares de apoio ao combate e de apoio logístico com elementos reduzidos de logística e capacidades logísticas de sentir/responder (*sense-and-respond*) são essenciais para a reação/resposta e aprimoram a versatilidade da Força Combinada para uma transição tranqüila a operações sustentadas à medida que se forme uma crise ou um conflito. Baseado na experiência operacional e projetos da Força Futura, o Exército começará, durante o ano fiscal de 2004, a implementar essa modularidade em duas de suas divisões do Componente Ativo. Essas mudanças iniciais servirão de protótipos para ajudar a acelerar o novo desenho modular e a entrada em serviço das atuais e futuras forças.

A mudança para um QG escalão acima de brigada completamente independente também irá aprimorar a modularidade. De acordo com o modelo da Unidade de Emprego (*Unit of Employment — UE*), uma  $UE_x$  (QG tático superior – *higher tactical headquarters*) e uma  $UE_y$  (QG de nível operacional – *operational-level headquarters*) providenciarão a estrutura de Comando e Controle dentro do qual as Unidades de Ação (*Units of Action — UA*) modulares e baseadas em capacidades serão organizadas para satisfazer as necessidades do Comandante Combatente. Ambos os tipos de QG *UE*, embora possam aceitar capacidades combinadas do tipo de um elemento do Quartel General Permanente da Força Combinada (*Standing Joint Force Headquarters — SJFHQ*), terão uma capacidade orgânica, dependendo da contingência, para exercer funções como uma Força-Tarefa Combinada (*Joint Task Force — JTF*) ou um QG de Comando de Componente Terrestre de Força Combinada (*Joint Force Land Component Command — JFLCC HQ*).

A capacidade do Exército de prover, com sucesso, capacidades rápidas-expedicionárias e de conduzir

campanhas terrestres sustentadas ao longo do amplo espectro do conflito, exige tanto contribuições do Componente da Ativa como do Componente da Reserva. Iremos reestruturar a força atual criando capacidades modulares e formações flexíveis enquanto obtemos a dosagem apropriada entre as estruturas de forças de Ativa e de Reserva. Este esforço de reequilibrar aprimorará a capacidade do Exército de prover uma capacidade de poder terrestre pronta, relevante e expedicionária, à Equipe Combinada (figura 1). Nosso Componente da Ativa proverá forças expedicionárias, ágeis e de rápida reação, que responderão, adequadamente, dentro dos primeiros 15 dias de uma operação. A disponibilidade de forças adequadas de Componente

***As capacidades de comando de batalha devem ser aproveitadas para habilitar a guerra interdependente centrada em redes de comunicações apoiadas por capacidades logísticas “sentir/responder” dentro do amplo espectro operacional multinacional e interagencial. O Exército deve acelerar a rede da Força Futura para aprimorar as capacidades do Comando de Batalha Combinada (Joint Battle Command) da Força Atual.***

tes da Ativa e da Reserva posteriores proverá ao *JFC* os elementos de combate, apoio ao combate e logísticos necessários para chegar aos objetivos operacional e estratégico; bem como as capacidades para conduzir operações terrestres sustentadas. Nosso Componente da Reserva proverá uma profundidade estratégica para reforçar o combate e também reforçará as operações de estabilidade e apoio, liderando os nossos esforços para proteger a Pátria. Tanto unidades da Ativa como da Reserva poderão prover unidades do outro componente com capacidades adicionais, que normalmente não fazem parte dessas forças. Para criar e manter uma capacidade de campanha rapidamente desdobrável e sustentável — com profundidade por toda a força asseguraremos que ambas as forças da ativa e da reserva sejam modulares, adaptáveis e capazes de se unirem em um número de estruturas de força e capacidades. Isto nos permitirá reduzir o tempo atualmente necessário para a mobilização e adestramento e melhorará a nossa capacidade de prover os Comandantes Combatentes com as forças e capacidades necessárias.

Redesenhar a Força exige um método de transformação e complementação para construir uma equipe coesa dentro dessas organizações. A estabilização da Força em unidades de ação valor brigada e outras forças modulares e escalonáveis proverá aos Comandantes

Combatentes mais formações prontas para o combate. Definiremos e desenvolveremos um plano para implementar os conceitos da estabilização da Força para o Exército, começando no ano fiscal 2004. A implementação Exército afora complementará um sistema baseado em rodízio para um engajamento global sustentado. Este sistema também levará em conta o bem-estar dos Soldados e famílias. A base domiciliar estabilizará os Soldados e suas famílias em instalações

*Equilibrar o risco é um processo dinâmico exigindo uma análise ao longo do ambiente estratégico, da diretriz nacional e das necessidades operacionais. Primeiro, antes de mais nada, devemos vencer a batalha atual e continuar a guerra contra o terrorismo. Isso exige dar prioridade às capacidades que aprimoram a relevância e prontidão de nosso Exército para a Equipe Combinada, hoje, e ao longo da próxima década.*

durante períodos prolongados. Embora alguns Soldados possam ser enviados para missões desacompanhados, voltarão à sua base domiciliar.

As capacidades de comando de batalha devem ser aproveitadas para habilitar a guerra interdependente centrada em redes de comunicações apoiadas por capacidades logísticas “sentir/responder” dentro do amplo espectro operacional multinacional e interagencial. O Exército deve acelerar a rede da Força Futura para aprimorar as capacidades do Comando de Batalha Combinada (*Joint Battle Command*) da Força Atual. Devemos analisar o desenvolvimento da atual arquitetura da rede e dos sistemas de apoio. Iremos dar nova prioridade

ao desenvolvimento da rede para focar em equipar a Força Atual de maneira descendente (*top-down*). Experiências e lições aprendidas durante as Operações *Enduring Freedom* e *Iraqi Freedom* serão aproveitadas para aprimorar o Comando de Batalha Combinada, incluindo o comando de batalha em movimento, operações contínuas em grandes distâncias, capacidades de rastreamento e a conectividade logística para certas unidades. O suprimento deve ser ligado aos planos de rodízio das unidades. O Exército irá trabalhar com o Comando de Forças Combinadas em todos os aspectos do desenvolvimento da rede de comunicações.

## Da Força Atual para a Futura

A transformação ocorre dentro de um contexto de mudança contínua.<sup>19</sup> Providenciaremos o suprimento acelerado de seletas capacidades da Força Futura para habilitar o aprimoramento da Força Atual. O objetivo da Transformação do Exército é de prover forças atuais e futuras relevantes e prontas, organizadas, adestradas e equipadas para operações combinadas, interagenciais e multinacionais de amplo espectro. A Transformação do Exército ocorre dentro de um contexto maior de mudança contínua provocada pela interação das capacidades em constante evolução entre as forças atual e futura. (figura 2)

A Força Atual representa o Exército operacional de hoje. É organizada, adestrada e equipada para conduzir operações como parte de uma Força Combinada. Projetada para prover as capacidades necessárias para a guerra ao *JFC* ao longo do espectro das operações militares, a capacidade da Força Atual para conduzir operações principais de combate enfatiza a sua credibilidade e eficiência para operações de amplo espectro e satisfaz a obrigação contínua das forças do Exército de travar guerras e obter a paz. A Força Futura é a força operacional em que o Exército sempre almeja se tornar. Orientado pela Segurança Nacional e pela direção do Departamento de Defesa, ela é a força de manobras de precisão, de reação estratégica, dominante por todo o espectro das operações militares previstas no futuro ambiente global de segurança.

O Exército tem que continuar a desenvolver forças futuras enquanto, simultaneamente, incorpora capacidades para aprimorar a eficiência da Força Atual. Durante o desenvolver da Força Futura, devem ser abordados três críticos desafios:

1. A arquitetura do comando, controle, comunicações, computadores, inteligência, vigilância e reconhecimento (*command, control, communications, computers, intelligence, surveillance and reconnaissance — C4ISR*).



Figura 1. Estruturando a Força

2. O desenvolvimento em espiral e a experimentação em campanha.

3. A Doutrina, Organização, Adestramento, Material, Desenvolvimento de Líderes, Pessoal e Instalações.

O processo de identificar e acelerar selecionadas tecnologias para a Força Futura, que suprema a Força Atual, será fundamental para o nosso sucesso em aprimorar a relevância e prontidão do nosso Exército.

## Estabelecendo Prioridades e Equilibrando os Riscos

O ambiente atual estratégico de planejamento e prioridades é complicado mais ainda pela necessidade de se equilibrar o risco operacional a curto prazo, associado com a condução da Guerra Global contra o terrorismo; as Operações *Enduring Freedom* e *Iraqi Freedom*; e outros esforços contínuos tal como nos Bálcãs, junto às responsabilidades do Exército relativo a mitigar os riscos institucionais, de gerenciamento da força e futuros riscos.<sup>20</sup> As políticas e os programas do Exército devem ser completamente consistentes com a segurança nacional, a direção estratégica da defesa, e os objetivos e políticas da segurança. Os programas e políticas do Exército devem também cumprir as necessidades operacionais atuais e futuras dos Comandantes Combatentes (por exemplo: a demanda combinada por capacidades e meios do Exército).<sup>21</sup>

Equilibrar o risco é um processo dinâmico exigindo uma análise ao longo do ambiente estratégico, da diretriz nacional e das necessidades operacionais. Primeiro, antes de mais nada, devemos vencer a batalha atual e continuar a guerra contra o terrorismo. Isso exige dar prioridade às capacidades que aprimoram a relevância e prontidão de nosso Exército para a Equipe Combinada, hoje, e ao longo da próxima década. Devemo-nos assegurar que o Exército esteja completamente preparado, adestrado e equipado para o atual ambiente operacional. Identificaremos e selecionaremos aceleradas capacidades e tecnologias-chaves da Força Futura e as colocaremos em espiral na Força Atual para aprimorar a sua capacidade. Providenciaremos tudo que pudermos para os Soldados do nosso Exército para que possam dominar ao longo de espectro inteiro do conflito. À medida que avançamos para as capacidades da Força Futura, não poderemos nos permitir lacunas nas capacidades a curto prazo da Força Combinada, na esperança que as mesmas sejam abordadas em algum ponto no futuro. Precisamos também buscar soluções combinadas e prover capacidades essenciais ao Comandante da Força Combinada. Temos que pensar as nossas organizações, os nossos processos, culturas e instituições para desenvolver

e apoiar uma força mais modular, com reação estratégica e baseada em capacidades, inculcada em uma Mentalidade Combinada e Expedicionária.

## Conclusão

A nossa primeira prioridade está clara. Encontramos-nos engajados em uma guerra. Essa mentalidade de guerreiro é essencial e deve envolver o Exército inteiro. A atual ameaça terrorista não tem precedentes — é transnacional com uma grande variedade de recursos e patrocinadores, incluindo nações-estado, participantes não estatais e organizações de narco-terroristas. O Exército deve adaptar as suas forças para enfrentar a ameaça. As organizações terroristas têm tido anos para construir, sorrateiramente, uma infra-estrutura mundial. Devido ao comprometimento fanático, às capacidades assimétricas e à adaptabilidade da ameaça, é de vital importância derrotar os nossos inimigos onde se encontrarem. Adaptar as nossas forças para enfrentar os desafios da Guerra Global Contra o Terrorismo (*Global War on Terrorism — GWOT*) irá exigir uma Equipe de Exército Combinado, baseada em capacidades, modular, flexível e rapidamente desdobrável, capaz de dominar qualquer adversário e controlar qualquer situação ao longo do espectro total das operações militares. Um exército preposicionado deve ser desdobrado em todo o planeta, com o apropriado tamanho e composição para prover a máxima flexibilidade, agilidade e letalidade para a condução de operações no espectro militar total.

A nossa Nação, a Força Combinada e o nosso Exército encontram-se engajados em um dos períodos mais desafiantes de nossa história. A derrota na guerra atual é impensável. Para derrotar os inimigos que ameaçam as nossas liberdades, não podemos ficar indiferentes, presos à teia de nossas antigas e não mais relevantes

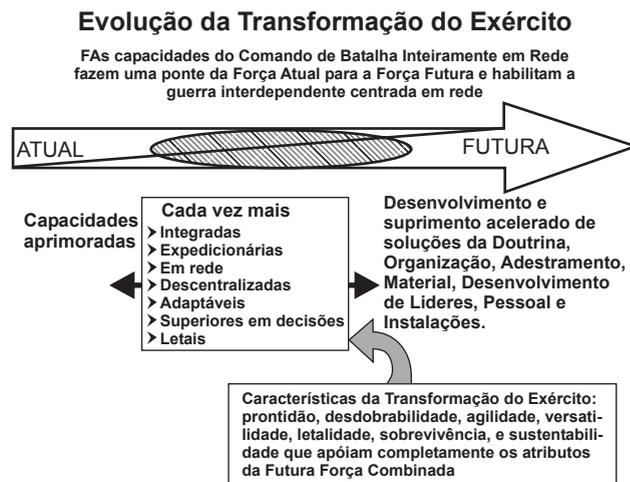


Figura 2. Da Força Atual para a Futura

políticas, procedimentos e processos. A Transformação durante um tempo de campanhas contínuas e sustentadas não será fácil, mas é uma arte que aparece inúmeras vezes na história de nosso valoroso Exército. Devemos examinar, planejar e desenvolver

novas soluções para um mundo novo e perigoso, da mesma maneira que o fizemos com sucesso no passado. Isto exigirá o compromisso profundo e pessoal de todo membro do Exército — todo líder, soldado, civil e membro de família. **MR**

## NOTAS

1. *U.S. Army Strategic Communications*, Pentágono, Washington, D.C., 11 de dezembro de 2003, online no <[www.army.mil/the-wayhead/](http://www.army.mil/the-wayhead/)>, acessado em 6 de fevereiro de 2004.

2. *The Army Strategic Planning Guidance — ASPG* é a 1ª seção do Planejamento do Exército (*The Army Plan — TAP*). Veja *Army Regulation — AR* 1-1, *Planning Programming, Budgeting, and Execution System — PPBES* (Washington, DC: U.S. Government Printing Office [GPO], p. 30, janeiro de 1994). Veja também online no [www.usapa.army.mil/pdffiles/r1\\_1.pdf](http://www.usapa.army.mil/pdffiles/r1_1.pdf), acessado em 1º de maio de 2003. O ASPG satisfaz as necessidades do planejamento estratégico dos AR 1-1 e AR 11-32, *Army Long-Range Planning System — ALRPS* (Washington, DC: GPO, 10 de Janeiro de 1989), que prove direção básica de planejamento para o desenvolvimento de documentos de planejamentos a meio e longo prazo e estabelece o fundamento usado para julgar o nível de sucesso em chegar aos objetivos a longo e meio prazo do Exército. Veja também *The National Security Strategy of the United States of America*, 2002, online no <[www.whitehouse.gov/nsc/nss.html](http://www.whitehouse.gov/nsc/nss.html)>, acessado em 20 de maio de 2003. O termo “estratégia de defesa” refere-se à direção estratégica do Departamento de Defesa articulado em um número de documentos, particularmente no *Defense Planning Guidance — DPG* pp. 04-09 e no *Quadrennial Defense Review — QDR* 2001, online no <[www.comw.org/qdr/qdr2001.pdf](http://www.comw.org/qdr/qdr2001.pdf)>, acessado em 2 de março de 2004.

3. Para uma discussão detalhada destes assuntos veja ASPG, Anexo A, “National Strategic Guidance” and Annex D, “The Security Environment.”

4. *The National Security Strategy*, pp. 5-15.

5. *QDR*.

6. Bush

7. *QDR*, p. 7.

8. Departamento de Defesa, *Transformation Planning Guidance* (Washington, DC: GPO, abril de 2003), p. 4.

9. Capacidades duradouras incluem moldar o ambiente de segurança, executar a reação rápida, mobilizar o Exército, operações de entrada forçada, domínio terrestre sustentável e apoio para as autoridades civis. Isto representa uma mudança que será refletida na próxima atualização do Manual de Campanha (*Field Manual — FM* 1, *The Army* (Washington, DC: GPO, 14 de junho de 2001).

10. Veja ASPG, Anexo B. As áreas de enfoque são: *AC/RC Balance; The Soldier; The Bench; The Network; Joint and Expeditionary Mindset; Modularity; Force Stabilization; CTC/BCTP; Leader Development and Education; Army Aviation; Installations as Our Flagships; Current to Future Force; Resource Processes; Strategic Communications; Actionable Intelligence; and Authorities, Responsibilities, and Accountability.*

11. Para propósitos do Plano do Exército, as seguintes definições são usadas: “curto prazo” é dentro do ano orçamentário; “meio prazo” é dentro do ciclo do memorando de objetivo do programa (*program objective memorandum — POM*); “longo prazo” é além do ciclo POM. Mais direção de longo prazo encontra-se no anexo B do ASPG. Os objetivos de curto e meio prazos do Exército são cuidadosamente projetados para equilibrar apropriadamente as quatro dimensões de risco identificadas na Estratégia de Defesa (operacional, desafios futuros, gerenciamento da força e risco institucional) dentro do contexto do atual e projetado ambiente estratégico e operacional. O risco operacional é a habilidade de se alcançarem objetivos militares em um conflito de curto prazo ou outra contingência. O risco de desafios futuros é a habilidade de investir em novas capacidades e de desenvolver novos conceitos operacionais necessários para dissuadir ou derrotar desafios militares de meio e longo prazo. O risco de gerenciamento da força é a habilidade de recrutar, reter, adestrar e equipar suficientes números de pessoal qualificado e sustentar a prontidão da força enquanto se cumprem as suas inúmeras tarefas operacionais. O risco institucional é a habilidade de desenvolver

práticas e controles de gerenciamento que usam recursos eficientemente e que promovem as eficazes operações do estabelecimento de Defesa.

12. O Sistema de Prontidão Estratégica (*The Strategic Readiness System*) apóia os líderes para focarem sobre fins estratégicos, meios e caminhos, com a assistência de uma abordagem de cartão de marcação equilibrado (*Balanced Scorecard*) — um processo análogo ao desenvolvimento da Lista de Tarefas Essenciais da Missão (*Mission Essential Task List — METL*) em organizações táticas. Essa abordagem exige que organizações pensem e institucionalizem as suas competências básicas e capacidades essenciais e duradouras e usem *metrics* (estudo de medidas) para medir o progresso em alcançar os objetivos estratégicos. O SRS permitirá a líderes monitorar e prever o desempenho estratégico. O mapa estratégico do Exército, (*The Army Strategy Map*), nosso cartão de marcação institucional, está alinhado aos Objetivos Estratégicos do Exército (*Army Strategic Objectives*) descritos no anexo B do ASPG. O SRS, portanto, irá nos ajudar a executar com sucesso o TAP provendo um mecanismo para assegurar que fiquemos na meta de nossos objetivos estratégicos. O SRS identificará aos líderes superiores quando os objetivos, conceitos e recursos precisarem de ajustes, para que o Exército possa eficaz e eficientemente cumprir a sua missão para com a Nação. O desenvolvimento e articulação dos objetivos estratégicos do Exército são um processo dinâmico e contínuo. Os objetivos estratégicos não são, nem têm a intenção de ser, estáticos e imutáveis. Serão periodicamente atualizados.

13. *FM* 1, 21.

14. *FM* 1, iv; Diretiva do Departamento de Defesa 5100.1, Funções do Departamento de Defesa e de seus Principais Componentes (Washington, DC: GPO, 25 de setembro de 1987), p. 16.

15. O APPG identificará as capacidades singulares do Exército vs. as capacidades residentes na Força Combinada.

16. *Commander, Joint Chiefs of Staff Instruction — CJCSI* 3170.01C, *Joint Capabilities Integration and Development System — JCIDS* (Washington, DC: GPO, 24 de junho de 2003), online no <[www.teao.sail.com/jfcom/ier/documents/3170\\_01c.pdf](http://www.teao.sail.com/jfcom/ier/documents/3170_01c.pdf)>, acessado em 2 de março de 2004.

17. Os sete atributos são: inteiramente integrado, expedicionário, em rede (comunicações), descentralizado, adaptável, de decisão superior e letal.

18. Veja o ASPG, Anexo B.

19. Veja o ASPG, Anexo C.

20. Os objetivos de meio a longo prazo do Exército são cuidadosamente projetados para apropriadamente equilibrar as quatro dimensões de risco identificadas na Estratégia da Defesa (operacional, desafios futuros, gerenciamento da força, e risco institucional) dentro do contexto dos atuais ambientes, estratégico e operacional. O risco estratégico e militar, associado com executar as missões e chegar a cumprir as metas da Segurança Nacional e das Estratégias da Defesa, é avaliado regularmente por meio dos relatórios periódicos da avaliação de riscos (*Periodic Risk Assessment Reports*) conforme exigido pelo Sistema Combinado de Avaliação de Risco (*Joint Risk Assessment System*). O risco operacional é a habilidade de se chegar aos objetivos militares em um conflito de meio termo ou outra contingência. O risco de futuros desafios (*Future Challenges Risk*) é a habilidade de investir em novas capacidades e desenvolver novos conceitos operacionais necessários para dissuadir ou derrotar desafios militares a meio e longo prazos. O risco do gerenciamento da força é a habilidade de recrutar, reter, adestrar e equipar números suficientes de pessoal qualificado e de sustentar a prontidão da força enquanto se cumprem suas várias tarefas operacionais. O risco institucional é a habilidade de desenvolver as práticas e os controles do gerenciamento que usam recursos eficientemente e promovem as operações eficazes do estabelecimento da Defesa.

21. *DODD* 5100.1, *Functions of The Department of Defense and Its Major Components* (Washington, DC: GPO, 1 de agosto de 2002), online no <[www.dtic.mil/whs/directives/corres/html/51001.htm](http://www.dtic.mil/whs/directives/corres/html/51001.htm)>, acessado em 1 de maio de 2003), p. 13.

*Peter Schoomaker é General quatro estrelas do Exército dos EUA e havia-se aposentado há quatro anos quando foi nomeado pelo Presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, como novo chefe do Exército dos EUA. O General Schoomaker chefiou o corpo de elite das Operações Especiais dos EUA.*

*O Major Anthony W. Vassalo é analista de estratégia e política no Escritório de Assuntos Internacionais do Exército, (Office of Army International Affairs), G3, em Washington, D.C.*